

**Católicos, evangélicos e umbandistas:
Diversidade religiosa numa comunidade quilombola da
Amazônia paraense**

Catholic, evangelical and umbanda practitioners:
religious diversity in a quilombola community in the paraense
Amazon

*Donizete Rodrigues¹
Ingrid Heinen²*

Resumo

Enquanto comunidade quilombola, o campo religioso - no sentido preconizado por Bourdieu - da Vila do Cravo, no Estado do Pará, se configura a partir de elementos sociais e culturais que formam a mentalidade e a identidade religiosa dos sujeitos que residem neste espaço amazônico. Com base numa etnografia densa (Geertz) sobre o contexto religioso, vivido cotidianamente, este artigo analisa as expressões religiosas locais, de caráter sincrético, tendo como foco a relação entre a diversidade de crenças e práticas religiosas existentes e o seu papel na manutenção de um sistema coletivo de solidariedade social e na formação da consciência de grupo das duas principais pertencas religiosas: católica e evangélica.

Palavras-chave: Amazônia; quilombola; religiosidade; católico; evangélico.

Abstract

As a quilombola community, the religious field - in the sense advocated by Bourdieu - of Vila do Cravo, in the Brazilian State of Pará, it is configured based on social and cultural elements that go to form the mentality and the religious identity of the people who live in this Amazonian village. Based on a dense ethnography (Geertz) on the religious context, experienced daily, this article analyze the local religious expressions, of a syncretic character, focusing on the relationship between the diversity of existing religious beliefs and practices and the role in maintaining a collective system of social solidarity and

¹ Doutorado em Antropologia Social pela Universidade de Coimbra, Portugal (1991). É Professor Associado com Agregação do departamento de Sociologia da Universidade da Beira Interior e investigador-sénior do Center for Research in Anthropology (CRIA-Lisboa). Email: donizetti.rodriques@gmail.com

² Graduada em Ciências Sociais-Antropologia (UFPA) e Mestra em Ciências da Religião (Universidade do Estado do Pará). Email: Ingrid_Heinen@hotmail.com

in the formation of group conscience of their two main religious belonging: catholic and evangelical.

Keywords: Amazon; quilombola; religiosity; catholic; evangelical.

Introdução

A comunidade quilombola Vila do Cravo, o nosso terreno etnográfico, está inserida no contexto amazônico, situada em Concórdia do Pará, mais precisamente na divisa entre os municípios de Bujaru e Concórdia (nordeste paraense), distante 142 quilômetros da capital (Belém).

Segundo dados de 2010, do *Instituto Brasileiro de Geografia Estatística* (IBGE), a Vila do Cravo é habitada por cerca de 900 pessoas, sendo a grande maioria da população composta por negros, descendentes de escravos, que começaram a formar quilombos na região a partir do século XVIII (CASTRO, 2003; MALCHER, 2011; MACEDO, SOUSA, 2011). No entanto, também há pessoas pardas, mestiças (caboclas) e brancas, frutos de uniões matrimoniais entre os moradores locais com pessoas de outras regiões.

A luta pela demarcação e legalização das terras quilombolas na localidade começou em 1970, através da atuação da Igreja Católica. Dois movimentos católicos, *Comunidades Eclesiais de Base* e os *Círculos de Cultura*, formaram lideranças locais - criaram a Associação de Remanescentes de Quilombo do Cravo -, que passaram a lutar pelo reconhecimento público das raízes históricas da ocupação negra na região, pela conscientização da identidade negra e, conseqüentemente, pelo direito à terra. O reconhecimento como “remanescente de quilombo” aconteceu somente em 2006; contudo, ainda hoje a comunidade não possui o título oficial de posse da terra, reconhecido pelo *Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária* (INCRA).

Conforme vamos demonstrar ao longo deste trabalho, a religiosidade dos habitantes da Vila é marcada por influências históricas e culturais de matrizes católica, evangélica e, residualmente, umbandista, visto que, no presente, os

costumes da cultura religiosa africana não são claramente manifestados. Destacam-se as práticas religiosas sincréticas³ de cura, como os benzimentos, que são realizados por meio de ritos católicos, mesclados com saberes da cultura afro-indígena. Mesmo com a existência de diversas vertentes religiosas na região, os moradores locais, na sua maioria, se auto identificam como católicos. Contudo, há um significativo e crescente aumento de seguidores do segmento evangélico.

Com base numa etnografia densa (GEERTZ, 1989) sobre o contexto religioso, vivido cotidianamente pelos moradores da comunidade quilombola, este trabalho tem como objetivo analisar as expressões religiosas locais, de caráter sincrético, tendo como foco a relação entre a diversidade de crenças e práticas religiosas existentes e o seu papel na manutenção de um sistema coletivo de solidariedade social e na formação da consciência de grupo das duas principais pertencças religiosas: católica e evangélica.

Comunidades Quilombolas

Com base no trabalho de Eliane O'dwyer (2008) e outros, podemos concluir que o termo 'quilombo' tem vários significados: resquícios temporais (arqueológicos e históricos); ocupação geográfica (consolidação de um território próprio); pertença biológica-étnica-racial (população negra homogênea); constituído a partir de movimentos insurrecionais ou rebelados; grupo isolado que desenvolveu práticas cotidianas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos; versões compartilhadas de uma trajetória comum enquanto grupo; identidade (negra) constituída pela experiência cotidiana vivida.

³ Na Vila do Cravo, o sincretismo religioso é marcado pela combinação de diferentes elementos culturais e religiosos. As curas, por exemplo, realizadas através das benzeções, têm como principais características a devoção aos santos católicos e a utilização de ervas medicinais para preparos de chás e banhos, práticas vinculadas à cultura afro-indígena. Esse encadeamento de práticas culturais e religiosas define o catolicismo popular professado pelos moradores desta comunidade.

Desse modo, comunidades quilombolas são grupos sociais cuja identidade étnica os distingue de outros grupos, visto que, ao longo da história, os quilombolas travaram uma luta constante - que compreende diversificadas pautas, como a conquista do reconhecimento de seus territórios, o direito à liberdade de expressão e de crenças religiosas, entre outros - para manter a reprodução da sua cultura (MUNANGA, 1996; LEITE, 2000).

Na atualidade, as comunidades remanescentes de quilombo continuam a lutar pela legalidade de apropriação de um espaço geográfico, que possa ser estruturado segundo seu modo de vida, ou seja, de acordo com seus princípios culturais e religiosos. Conforme Leite (2000) pontua, mobilizados através de associações, os quilombolas têm reivindicado ao longo de gerações pela certificação de posse das terras por eles habitadas e pela preservação das práticas culturais, crenças e fundamentos religiosos que constituem a sua pertença étnico-racial e identidades cultural e religiosa. Além dessas exigências, lutam por melhores condições de vida, envolvendo saúde, educação, segurança, moradia e trabalho.

Enquanto comunidade quilombola, o campo religioso da Vila do Cravo se configura a partir de elementos peculiares que caracterizam os seus residentes. Assim, a partir do contexto religioso, vivenciado cotidianamente pelos habitantes locais, este artigo busca elucidar como ocorre a relação entre as diferentes denominações e práticas religiosas existentes.

Religião e Religiosidade na Comunidade Quilombola

A questão central deste trabalho, diversidade religiosa numa comunidade quilombola, merece, mesmo que brevemente, uma reflexão sobre o conceito de religião e de religiosidade/religião popular.

Numa perspectiva estrutural-funcionalista, onde Durkheim (1996) desempenha um papel de relevo, entendemos a religião como um complexo *corpus* teórico-teológico sobre a concepção de sagrado e de mundo. É um

subsistema cultural estruturado, que integra (ou é composto por) mitos, crenças, com espaços e tempos sagrados, ritos/rituais, cerimônias, práticas mágicas, doutrinas, dogmas, linguagem, signos e expressões simbólicas, que forma o patrimônio simbólico-religioso, elementos que produzem um modelo de relação do(s) indivíduo(s) com o transcendente, com seres sobrenaturais, com uma (ou mais) divindade(s). Conceitualizada de forma diferenciada em cada contexto histórico e sociocultural em que é elaborada (WEBER, 1997), a religião depende sempre da perspectiva teórica que lhe dá sustentação (RODRIGUES, 2013).

Na esteira de Durkheim (1996), para Michel Meslin (2014), 'religio' é um sistema organizado de crenças e de práticas (ritos/rituais) que constitui uma experiência religiosa coletiva e inserida num tempo e num espaço determinados/específicos; separa o grupo que nela se reconhece daqueles que praticam uma outra fé; exerce uma função legitimadora que permite unir os fiéis a uma realidade sagrada e que dá significado ao seu cotidiano; como sentimento pessoal, implica atos de devoção a uma entidade religiosa-espiritual/ser sobrenatural, mas também orienta as suas ações na relação com o(s) outro(s); finalmente, possuindo uma ordem existencial, a religião justifica as atitudes e as ações dos fiéis (p. 48-9).

O conceito de religiosidade/religião popular, por sua vez, deriva diretamente do conceito de religião. Podemos dizer que a religião é a teoria e a religiosidade é a prática. Religiosidade é uma interpretação própria que um determinado indivíduo ou grupo social faz do *corpus* teórico-teológico da religião ou da Igreja dominante do qual faz parte. É, na verdade, a forma como cada um põe em prática os ensinamentos do seu sistema simbólico-religioso; é a forma como cada pessoa vive e expressa a 'sua religião' no dia a dia. A religiosidade, de carácter sincrético, abrange e integra comportamentos, crenças, práticas, atitudes, valores, experiências e sentimentos. Refere-se ao grau de aceitação ou ligação que cada indivíduo ou grupo tem face à sua

instituição religiosa, nomeadamente, no que diz respeito à frequência em rituais e atividades religiosas cotidianas. Podemos aqui acrescentar que a religiosidade popular é uma manifestação cultural-religiosa criada pelo povo e que ocorre no interior e na vivência cotidiana do próprio grupo. A própria vida cotidiana, o trabalho, a família, o sofrimento, a morte, só têm sentido no contexto da cultura e da prática religiosa da própria comunidade. A religiosidade apresenta, na verdade, uma concepção de mundo que nada tem de doutrinal, mas é, sim, o resultado de uma longa experiência coletiva (RODRIGUES, 2013).

Para Michel Meslin (2014), a religião popular é “fruto de uma religiosidade transmitida em conformidade com as crenças do grupo social, segundo uma tradição que constitui ao mesmo tempo o lugar das solidariedades e da oralidade” (p. 314). A religiosidade popular liga-se também à memória coletiva, que ele define como “inserção na consciência do grupo, fé vivida pelo povo e nele manifestada” (p. 315).

Sendo assim, para entender o fenômeno religioso, a partir do ponto de vista de um determinado grupo social, é imprescindível observar as suas formas de manifestação nos seus contextos geográficos e culturais específicos, considerando seus aspectos simbólicos e sua exteriorização nas esferas coletivas e pessoais.

Nessa perspectiva, e no caso particular da Amazônia, Raymundo Maués (2011) assinala que não há possibilidade de compreender esta complexa região sem entender a rica diversidade cultural e religiosa do povo amazônico:

É próprio da cultura e da sociedade humana, a partir de seu saber local, da maneira singular como constrói sua cultura e sociedade, mostrar especificidades [...] de uma área específica ou de muitas outras áreas de uma região que, ora podemos chamar de Amazônia, se queremos enfatizar sua unidade, ora devemos, ao contrário, chamar de Amazônias, no plural, devido a sua grande diversidade física, biológica, cultural, étnica e social (p. 23).

Segundo ainda esse autor, a Amazônia exibe um modo singular de organização social na medida em que as manifestações religiosas se caracterizam pela fusão de elementos, materializados em um forte sincretismo. Com a ajuda de Sérgio Ferretti (1998), voltaremos a esta questão do sincretismo mais à frente.

Nesse sentido, Eduardo Galvão (1955) e Raymundo Maués (1990) salientam que a religiosidade na região amazônica apresenta suas especificidades centradas nos cultos e nas crenças aos santos, nas práticas de curas, nas promessas, nas festas e procissões, entre outros rituais e representações. São essas questões que têm orientado as nossas pesquisas na Amazônia.

A Etnografia: O cotidiano religioso na Vila do Cravo

Do ponto de vista metodológico, a coleta de informações, realizada em 2018 e 2019, ocorreu por meio de uma etnografia, com “descrição densa” (GEERTZ, 1989), utilizando a observação direta, a realização de entrevistas semi-estruturadas e anotações do diário de campo. As entrevistas semi-estruturadas tiveram como base um roteiro previamente estabelecido e foram feitas com o auxílio de equipamentos audiovisuais (gravador e máquina fotográfica). A observação direta se concretizou com a participação em alguns momentos da vivência diária dos moradores da localidade, especialmente nas práticas religiosas.

O grupo entrevistado é composto por moradores reconhecidos por estarem ligados a alguma das vertentes religiosas existentes na região e por conhecerem, de maneira detalhada, as práticas cotidianas da vida religiosa local e os princípios de constituição do seu universo simbólico, compreendendo os *key-informant* (CRESWELL, 1998) desse estudo.⁴

⁴ Seguindo rigorosamente os princípios legais e éticos, obrigatórios neste tipo de estudo, foram previamente garantidas as autorizações para a realização da pesquisa e divulgação das imagens. Para assegurar o anonimato dos principais interlocutores, os seus nomes foram

A Religiosidade na Vila do Cravo

As crenças religiosas existentes nesta comunidade remanescente de quilombo são, predominantemente, de origem católica e evangélica – sendo que grande parte dos fiéis expressam sua religiosidade através do catolicismo popular, mas com um significativo e crescente aumento de seguidores da vertente evangélica. Há também na localidade a ocorrência de práticas religiosas sincréticas de cura, relacionadas às matrizes católica, africana e indígena, denominadas de benzimentos, que fazem parte das tradições do catolicismo de base popular. Os costumes ligados às religiões afro-brasileiras, nomeadamente umbandistas, são residuais e não são professados de maneira explícita pelos seus adeptos.

a) Os católicos

Para contextualizar o processo de constituição da experiência religiosa católica na Vila, é preciso retornar ao ano de 1970. Nesse período, Raimundo Santana e João Braga de Cristo uniram forças para a construção da primeira capela. Ambos eram importantes comerciantes locais, (re)conhecidos como “patrões”, pois “era com eles que os moradores do Cravo e de outras comunidades próximas compravam material de trabalho, comida salgada e também a quem vendiam suas produções” (MACEDO, SOUSA, 2016, p. 50).

A edificação da capela consolidou a religião católica no local e estabeleceu um sentido de grupo (quilombola) firmado através de elementos religiosos. Ou seja, com as orações diárias realizadas na capela e com as missas mensais celebradas pelos padres, foi instaurada uma forte concepção de comunidade assente nas práticas católicas.

Com o passar do tempo, os moradores sentiram a necessidade de ampliar o espaço da capela e, assim, construíram a igreja local e a denominaram de

alterados.

“Nossa Senhora das Graças”, para homenagear a padroeira da comunidade. Dessa maneira, do mesmo modo como foi orientada a construção da primeira capela, a edificação da igreja decorreu da união dos moradores, que trabalharam de forma braçal e, também, ajudaram a arrecadar o dinheiro necessário para compra dos materiais de construção.

Para além dos aspectos religiosos, a concepção do sentido de comunidade está, também diretamente relacionada às intensas relações familiares e de vizinhanças, materializadas na união para realizar ações comunitárias - serviço de entre ajuda nas lavouras, nas residências e nas áreas comuns -, visando beneficiar a todos os habitantes da localidade.

Nesse contexto de vivências baseadas em práticas associativas, especialmente no que se refere à atuação da religião, essa comunidade quilombola se configurou como um território promissor para a evangelização católica, iniciada em 1970. Os grupos de evangelização foram responsáveis por nortear vários aspectos da vivência coletiva na comunidade, especialmente com relação aos vínculos familiares e de vizinhança (MACEDO, SOUSA, 2016).

A nossa etnografia revelou que estes grupos de evangelização atuam ainda hoje. Celeste Marques, catequista (por cerca de 20 anos) e Ministra da Eucaristia (há 4 anos), relatou que atualmente existem sete grupos de evangelização: cada grupo é composto por, aproximadamente, 30 famílias, que realizam reuniões semanais, às sextas-feiras, no período da noite. A cada semana, os encontros ocorrem na residência de alguma das famílias que compõe os grupos. Os fiéis, no momento das reuniões, cantam, fazem leituras bíblicas, seguidas de uma reflexão, realizam preces para pedir saúde, boa lavoura, agradecem às graças alcançadas e discutem os problemas enfrentados pela comunidade, buscando soluções⁵. Os grupos de evangelização continuam a fortalecer a devoção, por meio da congregação de pessoas adeptas do

⁵ Entrevista semi-estruturada realizada com a moradora local, Celeste Marques, em 13 de agosto de 2019.

catolicismo e, também, consolidam os laços sociais, através do encontro das famílias que partilham da mesma experiência de vida.

Nos festejos de Nossa Senhora das Graças ocorrem também fortes relações de sociabilidade, pois os fiéis se unem para realizar todas as atividades necessárias para a efetiva consecução dos eventos religiosos católicos. Nesse contexto, são organizadas duas festas em homenagem à santa padroeira: uma no mês de maio, caracterizada pela realização de novenas nas casas de alguns moradores e outra, mais imponente, no mês de novembro, definida como o Círio da localidade (RODRIGUES, HEINEN, 2019). Não existe uma informação precisa de quando as novenas foram iniciadas na comunidade; contudo, através da história oral, baseada nas lembranças de alguns moradores locais, foi possível aferir um momento aproximado: década de 1970 (notas do diário de campo).

Na atualidade, há uma organização bem elaborada para a realização das novenas em honra da padroeira: preparação da imagem para visitar as residências, ornamentação das casas para recebê-la, escolha dos cânticos e leituras bíblicas mais adequadas para a adoração. Faz parte também desse planejamento os tradicionais leilões e o jogo do bingo, que visam arrecadar fundos para igreja, bem como, a produção de comidas e bebidas não alcoólicas para serem degustadas no fim de cada novena, objetivando a confraternização dos devotos.

A 'festa das novenas' mobiliza uma grande quantidade de pessoas, tanto moradores, como os que nasceram na localidade, mas que atualmente residem em outros municípios do Pará (Belém, Ananindeua, Marituba, entre outros). No período do evento religioso, os chamados "filhos do Cravo" são convidados para retornarem à comunidade e, em conjunto com os moradores, recebem a missão de conseguir doações (utensílios domésticos, dinheiro, animais, itens alimentares, entre outros), que são leiloadas e fornecidas como premiação nos bingos, após o término de cada novena. Todo o dinheiro arrecado é destinado

para a instituição religiosa, que o utiliza para manter sua estrutura física e para auxiliar os necessitados da região, com a doação de alimentos, remédios, etc.

Apesar das novenas reunirem uma grande quantidade de fiéis católicos, em 2016, o pároco local decidiu, em conjunto com a comunidade, instituir o Círio de Nossa Senhora das Graças, visando propagar em maiores proporções a devoção a santa. Atualmente, essa festa é o evento religioso mais notável da região, responsável por reunir um grande número de devotos católicos.

Na igreja da Vila ocorrem celebrações (orações) todos os domingos, realizadas pelos próprios moradores. Contudo, só há uma missa mensal, pois o pároco da região atende diversas comunidades e consegue comparecer apenas uma vez por mês. Assim sendo, através da união das pessoas que atuam como lideranças na igreja, a vida religiosa local tem sido orientada satisfatoriamente.

O coordenador da igreja aponta que a comunidade tem enfrentado vários problemas sociais, especialmente, com o crescimento da violência e o aumento do número de jovens consumidores de drogas. Em vista disso, esclarece que a instituição católica procura, constantemente, realizar ações que visam ocupar os jovens e afastá-los das práticas ilícitas:

Nós procuramos oferecer vários meios de divertimento para os jovens. Pra usar até como arma contra essas mazelas que estão aí. Hoje, o Cravo é tomado por tantas coisas ruins que levam os jovens a tomarem outros caminhos e é uma preocupação nossa. Nós cobramos do poder público infraestrutura, esporte, lazer. Mas infelizmente nem sempre a gente consegue. Então, nós como comunidade temos um grupo de jovens daqui. Nós estamos procurando dar todo o apoio pra esse grupo de jovens, mantê-los aqui aos finais de semana pra que eles se livrem de tantas coisas que estão aí. Outra forma de ocupar o tempo dos jovens é que eu tenho um time de futebol. Eu pensei, a maioria da juventude gosta de bola, gosta de futebol. Eu imaginei que o período que eles estão comigo lá no campo, nesse período eles estão livres de estar em contato com certas situações que têm aqui no Cravo. Está dando muito certo, e a gente prega no grupo sobre disciplina, sobre a vida religiosa e sobre a participação na comunidade. No time nós somos vinte e cinco e

pregamos como é bom viver em comunidade. Está dando frutos, tanto é que já somos tricampeões⁶.

Dessa maneira, a igreja local opera no meio social de diferentes formas. Ao promover atividades de lazer e práticas de esporte, como torneios de futebol, estimula relações de sociabilidade entre os jovens e, conseqüentemente, consegue aproximá-los dos ideais da instituição religiosa. Além de ações direcionadas ao público jovem, também existem ocupações para outras faixas etárias, como aulas de artesanato. Tais aulas reúnem algumas senhoras da localidade que, gratuitamente, ensinam outras mulheres a tecer peças de crochê. Essas ações comunitárias fortalecem os laços de reciprocidade entre os moradores.

Para além das ritualidades católicas (predominantes) e da presença de duas denominações evangélicas-pentecostais (que abordaremos mais à frente), há ainda a existência da prática religiosa de cura denominada 'benzimento'.

b) As benzedeadas: práticas sincréticas católicas-afro-indígenas

É importante destacar agora as práticas de curas, como os benzimentos (OLIVEIRA, 1985), que fazem parte da vida cotidiana da Vila. Esses trabalhos visam curar enfermidades físicas e espirituais, tais como: quebranto, mau-olhado, dores em geral, picadas de cobra e insetos, dentre outros. Segundo depoimento de uma das benzedeadas, a cura acontece por meio de orações (geralmente associadas aos ritos católicos) e do uso de ervas medicinais, utilizadas em chás e banhos (vinculadas ao conjunto de saberes da cultura afro-indígena).

A benzedeadas mais popular da região, Jaciara Freitas (83 anos), a nossa principal interlocutora, se define como católica - "casei na Igreja, me batizei na Igreja, e até hoje sou católica graças a Deus". Desde 2002 até os dias atuais, ela realiza benzimentos, atendendo crianças com "quebranto", pessoas enfermas

⁶ Entrevista semi-estruturada realizada com o coordenador da igreja local, Lauro Albuquerque, em 25 de novembro de 2018.

com disfunções causadas pela “mãe do corpo” e mulheres grávidas que desejam “puxar a barriga”, para colocar a criança “no lugar”. Além de tratar tais moléstias, ela revela que também ensina a fazer “um chazinho para as crianças quando estão com diarreia. Chá da água de coco, quando está bem verde ou chá de erva-cidreira com erva-doce, sem açúcar” e que reza para desaparecer cobreiro - “ensino o remédio pra colocar, com três ou quatro dias está seco”⁷. Para tratar as crianças que apresentam “quebranto”, a benzeção acontece da seguinte maneira:

Se for quebranto de sol, eu rezo pra Nossa Senhora do Desterro, desterrar o sol leve. Se for quebranto de bicho ou os olhos de outra pessoa, porque tem gente que coloca os olhos em uma criança, acha muito bonita, mais aí o quebranto sai. Eu rezo e ofereço pra Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Nossa Senhora da Conceição ou do Bom Jesus. Se a criança estiver com diarreia e vômito é quebranto, aí a gente reza e pede pra Nossa Senhora do Desterro, desterrar a doença que subiu na cabeça da criança, e o sol leva. Pra quebranto tem que benzer três vezes a criança em dias diferentes, quando o sol não está forte.

Sobre o ato de puxar a barriga de gestantes, relata que, constantemente, há mulheres que a procuram para esse serviço: “Quando a mulher tá grávida eu puxo a barriga. Com dois meses eu já sinto o filho na barriga da mulher. Com dois meses eu sei se a mulher tá grávida”. Ela também explica que reconhece quando uma mulher está com alguma enfermidade na região do útero e recomenda a ingestão de remédios caseiros, “Eu sei, também se tem cisto. Quando tem mulher que fica ruim, com doença no útero, eu ensino pra colocar unha de gato na água e cipó verônica. Mando deixar na geladeira pra ir tomando. Aí, a mulher fica limpinha, não continua uma doença qualquer ruim, né”.

A D. Jaciara acredita que seus “dons” para benzer estão ligados a uma tradição familiar: “Eu acho que isso veio porque o meu avô e o meu bisavô era

⁷ Todas as informações etnográficas sobre este assunto foram obtidas através de uma longa entrevista semi-estruturada realizada com a benzedeira local, Jaciara Freitas, em 24 de novembro de 2018.

benzedor. Meu avô benzia e todo mundo ficava bom. Meu avô nunca benzeu uma pessoa que não ficasse bom. Até pra dor no dente ele rezava”.

Apesar de relacionar seu “dom” a uma herança deixada por seus antepassados, D. Jaciara relata que sua família não a ensinou como realizar os benzimentos - “é tudo da minha cabeça o que eu sei”. Para ela, a habilidade de benzer aflorou quando sua filha passou a sentir dores inexplicáveis, sem nenhuma causa aparente:

Começou assim, a minha filha começou a sentir uma dor e ninguém sabia o que era. Eu fazia alguns chás pra ela. Não tinha muita prática, mas eu via como a mamãe fazia. Aí eu passei banha de galinha na minha mão e fui afumentar ela. E alguma coisa me dizia que era a mãe do corpo. A mãe do corpo fica perto no umbigo e quando ela está lá, está tudo bem, mas quando não está no umbigo e está pra outro lugar, é que a pessoa sente dor. Comecei a fazer massagem e a barriga dela estava toda inchada. Aí, puxei bem a barriga dela com mel de abelha e cortei um pano para amarrar perto do umbigo. Depois disso ela ficou boazinha, já teve quatro filhos e não sentiu mais nada até hoje. E para as mulheres que vem aqui reclamando que estão se sentido mal por causa da mãe do corpo, eu ensino o remédio: margarina, mel de abelha, erva doce torrada, pra fazer uma papinha e colocar sete vezes. A pessoa fica boazinha.

A benzedeira explica que indica chás e banhos e ensina as pessoas o modo de preparo: “Eu ensino e eles que fazem. Eles têm que procurar as coisas até achar pra fazer o chá pra eles tomarem”. Segundo ela, o composto não é fornecido pronto porque há muitas galinhas em seu quintal e isso impossibilita o cultivo de ervas.

Segundo Jaciara, os benzimentos são efetuados sem haver a exigência de nenhum tipo de retribuição financeira. Ela não determina valores a serem pagos; contudo, se a pessoa que solicita seu atendimento estiver disposta a retribuir sua ajuda com bens materiais, ela aceita, “Tem gente que pergunta quanto é, quanto não é. Quanto é que você tá cobrando? Eu digo olha, aquele que quiser me dá alguma coisa, que me dê. Mas eu não cobro nada. Se quiser me dá alguma coisa é da consciência do camarada, eu não exijo nada”.

A autoidentificação de pessoas católicas adeptas a outras práticas religiosas - que, portanto, não seguem com exclusividade os preceitos do catolicismo oficial - é corroborada no relato da benzedeira Jaciara. Segundo ela, as práticas de cura que realiza são feitas através de orações católicas, como “a oração do Bom Jesus, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Nossa Senhora da Conceição. Eu rezo Pai Nosso, Creio em Deus Pai, Salve Rainha”. Todavia, apesar de enfatizar que é católica, reforça que também utiliza ervas medicinais, utilizadas em rituais de cura na pajelança indígena. De acordo com Jaciara, “quem quer ser benzido com terço, a gente benze. Quem não quer, mando arrumar vassourinha. Só vassourinha”. Por se declarar católica, revela que não faz uso de arruda para benzer, porque segundo ela “isso já pertence a Pai de Santo” (de matriz africana).

Podemos, portanto, afirmar que as práticas tradicionais empregadas pela benzedeira quilombola, na promoção da cura e proteção espiritual, estão ligadas a uma religiosidade sincrética, com influências culturais das matrizes católica, indígena e africana. No entanto, a etnografia evidenciou que o fenômeno da benzeção está mais diretamente vinculado às crenças dos moradores que se definem como católicos. É uma herança cultural da religiosidade popular, de base católica, que foi repassada de geração em geração.

c) Os Evangélicos

Acerca da existência de evangélicos na comunidade, os dados levantados apontam que, no início da década de 2000, alguns moradores passaram a seguir os preceitos protestantes. Em 2001, foi construído um templo da Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ) e, em 2006, chegou a Igreja Assembléia de Deus (IAD).

Com doutrinas (rigidez moral) e ritualidades que condizem com os interesses pessoais de determinados indivíduos da comunidade, desde a implantação até os dias atuais, o segmento evangélico continua angariando

adeptos, em um processo de migração religiosa de pessoas de tradições católicas para estas igrejas pentecostais. Como consequência, existem famílias cujos membros estão dispersos entre essas duas correntes religiosas, ou seja, na mesma família há católicos e evangélicos (notas do diário de campo).

É pertinente destacar que devido ao eficiente trabalho missionário realizado na comunidade, o número de evangélicos tem aumentado. Por meio do forte proselitismo, especialmente, entre os jovens, que apresentam problemas relacionados com a dependência de drogas, as duas vertentes evangélicas tem atraído muitas famílias que estão sofrendo com essa mazela social. Entretanto, a quantidade de evangélicos ainda é inferior a quantidade de católicos, pois conforme já foi referido, essa comunidade de quilombolas é, ainda, predominantemente católica.

O dirigente da Igreja Assembléia de Deus, Salustiano Mendes, revelou que através de missionários vindos de outras regiões, foram consolidados os princípios protestantes na Vila. Segundo ele, por meio da evangelização, da pregação do evangelho, das visitas e orações, as pessoas passaram a crer, de fato, no poder da Bíblia. Nesse sentido, esclarece que a IAD atua com o objetivo de ajudar as pessoas, tanto nos aspectos espirituais, por meio dos ensinamentos contidos nas leituras bíblicas, quanto nas questões materiais, através da doação de alimentos, remédios, etc. Falando sobre o trabalho missionário, ele afirma que⁸:

A importância é ver as vidas transformar, porque nós pregamos o evangelho pra ajudar as pessoas, as famílias que estão ali dilaceradas, vida na sarjeta. Então a Assembléia de Deus trabalha verdadeiramente, não só pregando o evangelho, mas também, na área social. Na área espiritual entra, também, a área social. Então pra nós tem uma grande importância, nós anunciar o evangelho, o próprio Jesus disse “Ide por todo mundo pregar o evangelho. Aquele que crê será salvo”. Então pra nós, essa é a importância de pregar o evangelho.

⁸ Informações obtidas através de uma entrevista semi-estruturada realizada com o dirigente da Assembléia de Deus, Salustiano Mendes, em 04 de julho de 2019.

Portanto, a Assembléia de Deus busca auxiliar as famílias necessitadas, independente da crença religiosa, atuando ativamente na melhoria das condições de vida da população. Para o dirigente da instituição, “A igreja não é só falar da palavra e não ter atitude, não é só uma palavra morta”. Sobre o trabalho social, afirma que:

Nós aqui trabalhamos, geralmente, com cestas de alimentos. Nós fazemos cestas e a doamos para as pessoas necessitadas. Nós não olhamos se a pessoa é evangélica, católica, ajudamos quem nos procurar. Nós não temos essa diferença. Na necessidade nós não olhamos religião. Na hora da nossa necessidade eu posso precisar de ti e você de mim. Então nós trabalhamos.

Conforme já foi referido, a Vila do Cravo é essencialmente católica, mas com a presença e aumento constante do segmento evangélico. No entanto, sendo uma comunidade quilombola, é expectável a presença de ritualidades religiosas de matriz africana. Vamos ver o que revelou a nossa etnografia.

d) A (não) existência de práticas religiosas de matriz africana

Atualmente, não é evidente uma presença da cultura religiosa africana na Vila do Cravo. No entanto, através da história oral, baseada na memória de alguns moradores mais antigos, é possível identificar algumas práticas religiosas de matriz africana que ocorriam na região, no período da escravidão (PINHEIRO, 2016).

Um dado importante sobre a forma como é estruturada a vida religiosa local é que, mesmo sendo um território quilombola, não existem terreiros de religiões de matriz africana, como a umbanda, o candomblé e o tambor de mina. Entretanto, alguns moradores locais recorrem a trabalhos como a macumba, realizados por “Pais de santo” da vertente umbandista, residentes em comunidades vizinhas, a fim de superarem alguns problemas de ordem espiritual e material. Nesse contexto, em conversa informal, um morador local, que pediu para não ser identificado, revelou conhecer determinadas pessoas do Cravo que recorrem a “Pais de santo” para fazer trabalhos, visando solucionar

problemas de saúde, dificuldades financeiras e, principalmente, infortúnios amorosos (notas do diário de campo).

Na nossa etnografia, dado o sincretismo desta prática religiosa na comunidade local, não foi possível aprofundar esta temática: nenhuma pessoa católica adepta da umbanda quis falar sobre a sua experiência, se recusando, por isso, a fornecer informações acerca desse assunto.

As relações entre Católicos e Evangélicos

Ao abordar questões relacionadas com as expressões religiosas, é importante mencionar como ocorre a relação entre católicos (os mais antigos) e evangélicos (recém-chegados). Nesse contexto, o coordenador do grupo católico explica que: “A cada dia está melhorando, mas ainda é muito complicado para algumas pessoas, principalmente para os mais velhos que cresceram na nossa religião, que viram o Cravo somente com a Igreja Católica”.⁹

Assim, a existência na comunidade de adeptos de outras vertentes religiosas ainda é uma questão delicada, especialmente para os moradores mais idosos. Para não incentivar possíveis situações de discórdia, Lauro relata que, durante as celebrações católicas, a temática do respeito é sempre abordada, pois “cada um tem a sua religião. Cada um tem a sua fé. Seguimos o mesmo Cristo, então vamos respeitar”. Nesse sentido, busca-se não incentivar situações conflitantes para que a intolerância religiosa não se prolifere e para não haver desagregação entre os moradores.

Mesmo havendo pessoas que não são receptivas a todas as crenças religiosas existentes na comunidade, um dado positivo é que não há conflitos públicos, relacionados à discriminação religiosa, entre os adeptos de cada uma das religiões. A respeito dessa questão, Salustiano Mendes salienta que, como dirigente da Igreja Assembléia de Deus, não aceita atitudes de intolerância:

⁹ Entrevista semi-estruturada realizada com o coordenador da igreja local, Lauro Albuquerque, em 25 de novembro de 2018.

Como representante da Assembléia de Deus aqui na Vila do Cravo, jamais, eu trago essa intolerância, essa grande divisão. Mas eu reconheço que existem pessoas nos dois lados com esses tipos, eu digo assim, heresia, com esse tipo de divisão, que acham que a sua religião é melhor que a outra. E quando nós não devemos pregar religião. Religião é aquilo que nós vimos que religa. Então eu respeito a religião das pessoas católicas. Quem tá lá verdadeiramente, tá crendo, e eu respeito a religião. Jamais eu vou discutir e dizer que não vale a pena, então eu respeito. Assim, eu quero, também que respeitem a minha religião¹⁰.

É de conhecimento geral que o segmento evangélico não aceita a 'idolatria de imagens', ou seja, a representação material de divindades, de santos/as, como ocorre na tradição católica. Todavia, apesar de algumas pessoas partilharem desse pensamento, o dirigente da IAD reafirma que procura não incitar atitudes intolerantes, pois, segundo ele, o importante é fazer o bem e amar a todos, independentemente de credo religioso:

A própria Bíblia diz que a verdadeira religião é você visitar o órfão e as viúvas nas suas tribulações e procurar se apartar do mal. Então, eu não prego religião. Eu tenho implantado aqui, no caso, uma denominação chamada Assembléia de Deus, ao qual nós fazemos parte, mas eu não digo que a minha religião bíblicamente salva. Quem é o salvador, é Jesus Cristo. Às vezes a pessoa diz que é evangélico e que por isso não pode ir no evento dos católicos, mas a bíblia diz que aquele que diz que ama a Deus e não ama o seu irmão é um mentiroso. Se eu disser que eu prego o evangelho, que sou evangélico e não te amar, dizer que eu não amo porque tu é católico, se eu trago essa diferença, o evangelho está sendo anátema, uma palavra amaldiçoada. Entendeu?¹¹

É pertinente mencionar que durante os eventos católicos, como as festas em honra da Nossa Senhora das Graças, as igrejas evangélicas permanecem abertas, com as suas atividades transcorrendo normalmente. Ao longo da

¹⁰ Entrevista semi-estruturada realizada com o dirigente da Assembléia de Deus, Salustiano Mendes, em 04 de julho de 2019.

¹¹ Entrevista semi-estruturada realizada com o dirigente da Assembléia de Deus, Salustiano Mendes, em 04 de julho de 2019.

realização do trabalho etnográfico, não houve registros de provocações ou desrespeito por parte de nenhuma dessas duas vertentes religiosas.

Análise do fenômeno religioso

Para fundamentar a análise do fenômeno religioso, serão utilizadas algumas formulações teórico-conceituais de autores que discutem acerca do sincretismo em comunidades tradicionais e sobre a lógica de funcionamento do campo religioso e sua estruturação no meio social.

No campo do sincretismo afro-brasileiro observa-se a disposição de agregar tendências separadas por tradições distintas, como pode ser evidenciado, entre outros aspectos, nas práticas religiosas (religiosidades) e na cultura popular. Nesse sentido, é possível caracterizar o afro-brasileiro, ao mesmo tempo, como católico e praticante de outras religiões.

Sérgio Ferretti (1998) elucida que argumentar sobre religião em comunidades tradicionais implica falar em sincretismo religioso:

O sincretismo pode ser visto como característica do fenômeno religioso. Isto não implica desmerecer nenhuma religião, mas constatar que, como os demais elementos de uma cultura, a religião constitui uma síntese integradora englobando conteúdos de diversas origens. Tal engrandece o domínio da religião, como ponto de encontro e de convergência entre tradições distintas (FERRETTI, 1998, p. 183).

A correlação de componentes de diversas religiões e outros elementos da cultura popular, característicos do sincretismo, são comuns em grupos quilombolas, de modo que a fusão de diferentes tradições culturais e religiosas constitui elemento basilar da religiosidade desses grupos. Ainda seguindo Ferretti (1998), as práticas religiosas realizadas em comunidades quilombolas são amplamente sincréticas em razão de agregarem costumes de origens africanas, indígenas, católicas e de outras procedências, como pode ser observado nos procedimentos de cura.

Nesse contexto, Pierre Sanchis (1995) expõe que o sincretismo pode ser entendido como um fenômeno universal dos grupos humanos quando em contato com outros. Tende a utilizar relações apreendidas no mundo do outro para ressemantizar seu próprio universo. Também pode ser compreendido como o modo pelo qual as sociedades humanas (grupos sociais, culturas, subculturas) são levadas a entrar em um processo de redefinição de sua própria identidade, quando confrontadas com o sistema simbólico de outra sociedade, seja em nível classificatório homólogo ao seu ou não. Nessa perspectiva, esse autor evidencia que:

Não se trata mais, pois - pelo menos diretamente -, de identificar o sincretismo com uma forma de confusão ou mistura de "naturezas" substantivas (no plano ideativo, organizacional, ou até mesmo sistêmico), já que a polivalência dessas transformações e misturas concretas parece desencorajar até hoje a procura de um sistema de categorias logicamente coerente e totalmente abrangente, mas de afirmar a tendencial universalidade de um processo, polimorfo e causador em múltiplas e imprevistas dimensões, que consiste na percepção - ou na construção - coletiva de homologias de relações entre o universo próprio e o universo do outro em contato conosco, percepção que contribui para desencadear transformações no universo próprio, sejam elas em direção ao reforço ou ao enfraquecimento dos paralelismos e/ou das semelhanças. Uma forma de constante redefinição da identidade social (SANCHIS, 1995, p. 125).

Portanto, o sincretismo está profundamente presente na religiosidade popular, sendo evidenciado, especialmente, nas festas em homenagem aos santos padroeiros, tendo em vista que a ritualidade desses eventos é composta por elementos de diversas matrizes religiosas. Dessa maneira, os festejos devocionais são expressões culturais de práticas religiosas populares, contexto com o qual o sincretismo se encontra intimamente relacionado.

No caso específico da Amazônia, de acordo com Galvão (1955) e Maués (1990), o catolicismo popular expressa um complexo de diversas representações da dimensão sobrenatural que compreendem: santos populares, festividades

religiosas, ritos de adorações, ritos de curas, etc. Para Maués (2005), “essas concepções relativas ao catolicismo popular são comuns aos caboclos e a grande parte dos católicos populares de outras regiões, inclusive dos grandes centros urbanos” (p. 62).

Nesta linha, a nossa etnografia corroborou que o sincretismo religioso é marcado pela mistura e encadeamento de crenças e práticas culturais e religiosas. É ilustrativo que as curas realizadas pela benzedeira local têm como principais características a devoção aos santos católicos e a utilização de ervas medicinais para preparos de chás e banhos, ligadas à cultura afro-indígena.

Os moradores locais vivenciam um catolicismo popular com características particulares, onde a ritualidade é construída sincreticamente, associando os costumes locais com os preceitos oficiais do clero. Na comunidade, as atividades constituintes das festas religiosas têm sua programação realizada, especialmente, pela população que mobiliza esforços para a consecução dos eventos. Ainda que os festejos religiosos tenham sua programação oficial prescrita pelas diretrizes da Igreja Católica, o pároco da região, em razão da demanda de outras comunidades do seu campo de atuação, comparece na localidade somente uma vez ao mês, de modo que os responsáveis por conduzirem as festividades em honra da santa padroeira são os fiéis mais engajados com as atividades da igreja local.

Nessa perspectiva, todo o histórico das expressões religiosas revela que o catolicismo de base popular é a crença religiosa estrutural desta comunidade quilombola. Os dados levantados pela pesquisa demonstram que o catolicismo na Vila sempre teve um caráter marcadamente popular. A edificação da igreja, ainda em 1970, marcando toda a estruturação do campo religioso, foi realizada pela população local, sem grandes interferências do clero. Nesta época, em razão do difícil acesso, os sacerdotes apenas realizavam visitas esporádicas na região. Nos dias atuais, a presença de clérigos na localidade continua ocorrendo

pontualmente. Em vista disso, são os próprios moradores da comunidade que conduzem a ritualidade católica.

Finalizada a discussão sobre sincretismo religioso, abordaremos agora a lógica de funcionamento do campo religioso e sua estruturação no meio social, a partir da perspectiva bourdieusiana.

Pierre Bourdieu (2007) define *campo* como um espaço que possui relativa autonomia e que reúne um complexo de condições estruturadas, propícias para criar as suas respectivas normas de funcionamento. Especificamente sobre a estruturação do campo religioso, defende que a sua autonomia está fundamentada na eficácia dos seus sistemas simbólicos. Nesse sentido, a religião é caracterizada enquanto um sistema simbólico estruturado que:

1) constrói a experiência (ao mesmo tempo que a expressa), em termos de lógica e em estado prático, condição impensada de qualquer pensamento, e em termos de problemática implícita, ou seja, de um sistema de questões indiscutíveis delimitando o campo do que merece ser discutido em oposição ao que está fora de discussão (logo admitido sem discussão) e que, 2) graças ao efeito de consagração (ou de legitimação) realizado pelo simples fato da explicitação, consegue submeter o sistema de disposições em relação ao mundo natural e ao mundo social (disposições inculcadas pelas condições existência) a uma mudança de natureza, em especial convertendo o ethos enquanto sistema de esquemas implícitos de ação e de apreciação em ética enquanto conjunto sistematizado de normas explícitas (BOURDIEU, 2007, p. 46).

Nessa acepção, o fenômeno religioso é caracterizado como sendo um sistema ordenado, que utiliza os bens simbólicos revestidos de caráter sagrado, como estruturantes das relações sociais na esfera religiosa: “os bens simbólicos são espontaneamente alocados pelas dicotomias comuns (material/espiritual, corpo/espírito etc.)” (BOURDIEU, 1996, p. 157). O simbólico, então, promove um processo de transfiguração, relacionando aquilo que pode ser representado materialmente como também o que está ligado ao transcendente, pois os bens simbólicos são naturalmente ordenados pelas referidas dicotomias.

Assim, só é viável analisar sociologicamente a religião pela razão dela conseguir exercer funções sociais no seio da sociedade. Para os fiéis, a religião não deve apenas justificar as razões de existir, que os afastam do sentimento de “angustia existencial da contingência e da solidão, da miséria biológica, da doença, do sofrimento ou da morte” (BOURDIEU, 2007, p. 48). Os fiéis também esperam que a religião os auxilie a viver com todas as características que lhes são socialmente intrínsecas, em uma configuração social determinada.

A Vila do Cravo, conforme exposto anteriormente, enfrenta uma situação delicada devido à violência e ao consumo excessivo de álcool e drogas, especialmente por parte da população jovem. Em vista disso, a crença religiosa tem sido uma forma de amenizar e suportar o sofrimento causado por tais situações.

O dirigente da Igreja Assembléia de Deus (IAD), Salustiano Mendes, elucida que alguns habitantes se converteram graças ao intenso trabalho de evangelização realizado por esta igreja, que tem a capacidade de transformar vidas, de resgatar pessoas da dependência de entorpecentes e de promover uma mudança positiva de atitudes no âmbito da comunidade. Com o trabalho de campo foi possível notar que, de fato, devido ao trabalho de evangelização desta igreja pentecostal, muitos jovens se afastaram das drogas e da criminalidade. Segundo o pastor, a reabilitação das pessoas tem ocorrido por meio da pregação constante do evangelho, pois através dessa ação:

Deus começou a libertar vidas, tirar muitas pessoas drogadas do vício, muitas pessoas, também, do vício do alcoolismo e por isso muitas pessoas veio a crer no poder do evangelho, através da transformação de vida. Então, através dessa mudança, hoje muitos que antes não era religioso, que não tinha religião nenhuma, verdadeiramente foi evangelizado, foi ajudado a vida espiritual e hoje fazem parte da Igreja Assembleia de Deus aqui na Vila do Cravo. As pessoas viram uma transformação de vida e hoje elas permanecem [...]. Se nós verdadeiramente não ter uma mudança, porque o Evangelho é poder de Deus, o próprio Paulo fala que o Evangelho é boas novas, então se eu não mudar, se eu digo que sou evangélico e não tenho mudança o evangelho não penetrou dentro de mim, na minha vida. O

evangelho é pra nós ter mudança, pra nós ser exemplo. Ver verdadeiramente que nós mudamos. É uma transformação. Aquilo que o próprio Jesus nos disse¹².

Nessa perspectiva, Bourdieu (1996) considera que a religião, enquanto instituição, tem como função regular a vivência dos indivíduos no meio social. Por meio do suporte oferecido para suportar as problemáticas do cotidiano, a religião determina parâmetros comportamentais que devem ser absorvidos pelos indivíduos como requisitos para se desfrutar de bem-aventuranças nos planos material e espiritual. Em vista disso, em função de sua força na estruturação do campo religioso, a IAD coopera para a conservação do ordenamento social.

A igreja é uma instituição envolta por caracteres amplamente representativos e que possui itens valorosos no comércio de bens simbólicos. Nota-se, então, que o simbolismo viabiliza a aparente recusa das questões econômicas existentes nas instituições religiosas, pois as igrejas utilizam um capital de bens simbólicos, “propriedade qualquer [...] que, por responder às ‘expectativas coletivas’, socialmente constituídas, em relação às crenças, exerce uma espécie de ação à distância, sem contato físico” (BOURDIEU, 1996, p. 170), para firmarem-se enquanto instituições dotadas de características divinas, dissimulando, assim, as práticas econômicas que fundamentam sua estrutura religiosa.

O capital simbólico é, então, o que legitima as práticas religiosas, visto que os sistemas simbólicos possibilitam a utilização do poder propriamente econômico de maneira implícita. Dessa forma:

É essencial do ponto de vista metodológico, evitar dissociar as funções econômicas e as funções religiosas, isto é, a dimensão propriamente econômica da prática e da simbolização que torna possível a realização das funções econômicas. O discurso não é algo mais [...], ele faz parte da própria economia. E, se quisermos ser justos, é preciso levá-lo em conta, e a todo o

¹² Entrevista semi-estruturada realizada com o dirigente da Assembléia de Deus, Salustiano Mendes, em 04 de julho de 2019.

esforço aparentemente desperdiçado em um trabalho de eufemização: o trabalho religioso implica um gasto considerável de energia destinada a converter a atividade da dimensão econômica em tarefa sagrada; é preciso aceitar a perda de tempo, o esforço e até o sofrimento, para crer (e fazer crer) que se faz uma coisa diferente daquela que se faz. Há desperdício mas a lei da conservação de energia permanece válida, porque o que se perde é recuperado em outro lugar (BOURDIEU, 1996, p. 191).

Para exercer funções caritativas na comunidade e para a manutenção da estrutura física, é necessária a circulação de capital no domínio das igrejas (católica e evangélica). Nessa acepção, as transações econômicas ocorridas no âmbito religioso acontecem por meio da 'economia da oferenda', caracterizada como "o tipo de transação que se instaura entre a Igreja e os fiéis" (BOURDIEU, 1996, p. 158). O aspecto econômico existente no campo religioso tem como pressuposto a existência de um grupo especializado na produção de bens simbólicos (a instituição) e de um grupo que produz excedente econômico (os fiéis), responsável por sustentar as obras da instituição religiosa, que em troca produz "méritos" espirituais.

Nesse sentido, o coordenador da Igreja Católica, responsável por conduzir as celebrações quando o padre não está presente, revelou que os devotos são os grandes responsáveis pela manutenção e perpetuação das atividades da igreja local. Em seu relato, evidencia a importância da colaboração e participação ativa dos moradores para a manutenção do templo religioso:

Sem o povão, sem a comunidade a igreja não seria possível. O Cravo, está assim hoje graças a Deus primeiramente, e depois graças ao povão pelas suas colaborações, sejam financeiras, sejam no trabalho, sejam na participação. Quanto maior a comunidade, maior a despesa, financeiramente falando. Nós temos como arrecadação o dízimo, as ofertas e as festas. São as entradas que nós temos e graças a Deus são entradas grandiosas. E com essas entradas nós mantemos a igreja. O povo do Cravo é que conduz essa igreja. Depois de Cristo é o povo do Cravo, seja com dinheiro, seja com a participação, seja com a oferta. É o povo do Cravo que conduz essa igreja. Sem o

povo não tem igreja¹³.

Assim, as relações econômicas existentes no interior das instituições religiosas possibilitam a produção e reprodução de suas atividades espirituais e materiais. Sobre a ajuda prestada à população local, o coordenador relata, ainda, que, “uma porcentagem do dízimo é pra ajudar alguém que necessita. Uma doação pra doentes, uma casa que esteja caindo vamos lá e oferecemos alguma contribuição, exames médicos. Tudo isso nós fazemos”.

Nesse contexto, o discurso do dirigente da Igreja Assembléia de Deus também enfatiza a assistência prestada as pessoas que se encontram em situações de vulnerabilidade social:

As vezes tem pessoas doentes que chega aqui, pede financeiramente dinheiro e aquilo que a gente tem. A gente não guarda dinheiro, aqui a gente investe. A gente ajuda em roupa, em alimento, até dinheiro às vezes a gente tem dado. Não pra todos, porque a gente olha primeiro a necessidade. Então, nós verdadeiramente trabalhamos, tanto com a igreja pregando o evangelho, mas, também se alguém adoecer e se tem recurso em caixa a gente ajuda nossos irmãos. Então na área social é isso, tanto pregar o evangelho como também ajudar, porque a bíblia fala no livro de Thiago “aquele que diz que tem a fé e não tem obra, a fé é morta”. Então a obra e a fé têm que andar junto, né irmã? Então se eu verdadeiramente visito um irmão, visito alguém doente, eu vejo a dificuldade dele lá, a necessidade. Então eu levei a palavra, mas e a fome, e o vestir e o calçar, né? Então, nós devemos olhar nessa área. Então, nós a igreja evangélica, trabalhos com essa área¹⁴.

Esses relatos corroboram a importância das funções econômicas para que os moradores sejam efetivamente auxiliados pelas instituições religiosas. Em vista disso, a circulação de dinheiro é essencial para a conservação do espaço físico das igrejas e para que as práticas assistenciais possam acontecer. É em

¹³ Entrevista semi-estruturada realizada com o coordenador da igreja local, Lauro Albuquerque, em 25 de novembro de 2018.

¹⁴ Entrevista semi-estruturada realizada com o dirigente da Assembléia de Deus, Salustiano Mendes, em 04 de julho de 2019.

virtude dos bens materiais, ou seja, da aquisição de capital que se torna possível ajudar os moradores locais mais necessitados.

Do ponto de vista êmico, as atividades econômicas de uma igreja não visam o acúmulo de dinheiro propriamente dito, mas, sim, intencionam a acumulação de bens simbólicos (espirituais). Conforme reforça ainda o dirigente da igreja evangélica, “Em primeiro lugar, a importância pra nós é crer na palavra e em segundo, é nós ver as vidas ter mudanças. Nós não instalamos a igreja por motivos financeiros. Isso tudo vai ficar, ninguém instala igreja pra dizer que enriqueceu, porque não é comércio”.¹⁵

Dessa maneira, o aspecto terreno (econômico) das instituições religiosas ligado ao espiritual é imprescindível para que o fenômeno religioso possa ser produzido e reproduzido no espaço social. Ao realizarem práticas solidárias, os fiéis das igrejas da comunidade estão acumulando um capital de bens simbólicos na esfera espiritual. Acerca dessa questão, o coordenador católico revela que é necessário ter fé para realizar as atividades comunitárias:

É preciso acreditar. É preciso ter fé pra fazer tudo isso. Eu me entendi participando da igreja, observando os mais velhos. Então, eu sempre digo para os companheiros que a questão é pegar gosto pela coisa. Por exemplo, está terminando o meu mandato agora e eu não consigo me ver fora de um cargo dentro da comunidade, porque eu peguei gosto pela coisa. É prazeroso fazer esse trabalho comunitário, trabalhar nesse projeto que é de Deus, se doar totalmente. Isso é muito prazeroso¹⁶.

Portanto, e seguindo ainda as ideias de Bourdieu (1996), o trabalho religioso existente neste contexto, mesmo que praticado na esfera material, está intrinsecamente relacionado com a dimensão divina. O trabalho terreno destinado aos homens é uma forma de se “aproximar de Deus”, pois os agentes das instituições religiosas doam suas energias e esforços em benefício da

¹⁵ Entrevista semi-estruturada realizada com o dirigente da Assembléia de Deus, Salustiano Mendes, em 04 de julho de 2019.

¹⁶ Entrevista semi-estruturada realizada com o coordenador da igreja local, Lauro Albuquerque, em 25 de novembro de 2018.

coletividade, numa ação que se torna prazerosa pela confiança e credulidade nos desígnios divinos.

Considerações Finais

Como reflexão final sociológica, podemos afirmar que, neste tipo de sociedades, como é o caso da comunidade remanescente de quilombo Vila do Cravo, predominam a reinvenção e a mistura de traços culturais e religiosos. João Reis (1996) elucida que essa disponibilidade para mesclar culturas era um imperativo de sobrevivência, também refletida na habilidade demonstrada pelos quilombolas de constituir alianças sociais dentro e fora do grupo.

Nessa acepção, constatamos na nossa etnografia que, por exemplo, as práticas tradicionais empregadas pela benzedeira quilombola para a efetivação de cura, nos domínios material e espiritual, estão diretamente vinculadas a uma religiosidade sincrética, com influências culturais de matrizes católica, africana e indígena. O sincretismo religioso, contido no ritual do benzimento, é uma característica decorrente das relações interculturais ocorridas na época da colonização do Brasil e que permanece evidente até hoje.

Pierre Bourdieu (2007) esclarece que a religião institui um complexo estruturado de concepções do mundo, de modo que o conjunto de valores, projetados no domínio terreno, direciona e modela o meio social, além de lhe atribuir significado. Esse conjunto de valores é necessário para que os acontecimentos sociais, em seus mais variados aspectos, sejam aceitos pelos fiéis como produtos dos desígnios de Deus, pois a efetividade das práticas e das representações simbólicas no âmbito religioso está alicerçada, precisamente, na crença do poder de consagração. Sendo assim, a ideia de consagração fortalece a religião e exerce uma função simbólica de atribuir ao ordenamento social um aspecto incontestável.

De acordo com as proposições de Bourdieu (1996), sobre a estruturação do campo religioso, o aspecto terreno (econômico) das instituições religiosas é

imprescindível para consolidar e propagar o fenômeno religioso no meio social. No Cravo, são as relações simbólicas existentes no campo da religião que conferem legitimação as questões econômicas, pois os elementos simbólicos possibilitam a circulação de dinheiro, entre os fiéis e suas respectivas igrejas; embora, segundo os dirigentes, apenas para fins caritativos e manutenção dos templos.

Desse modo, são as linguagens específicas da religião e os seus símbolos que ocultam as relações financeiras existentes nas instituições religiosas. As ações sociais promovidas pela Igreja Católica e pelas igrejas evangélicas são custeadas, preponderantemente, pelos fiéis, que doam para as suas respectivas instituições, dinheiro e outros itens, como comida, roupas, etc. Dessa maneira, o fluxo de dinheiro no interior das igrejas propicia a realização de atividades beneficentes, bem como a sustentação do seu espaço físico.

Por auxiliar espiritualmente as pessoas a conviverem com o caos - isto é, com dificuldades relacionadas com a pobreza, doenças, drogas, criminalidade, entre outros - e por conceder assistência material através de ações voltadas para o melhoramento da vida social, as igrejas (católica e evangélicas) correspondem às expectativas coletivas e perpetuam seu capital simbólico. Assim, é o mercado de bens simbólicos, no sentido preconizado por Bourdieu (2007), que regulamenta a movimentação da vida religiosa no meio social local.

No que se refere à coexistência das diferentes denominações e práticas religiosas nesta comunidade quilombola, especificamente sobre a(in)tolerância religiosa, a etnografia demonstrou que, embora existam discordâncias históricas e ideológicas entre católicos e evangélicos (e alguns umbandistas), não existem registros de conflitos entre os moradores. Os eventos religiosos de cada uma das igrejas, as práticas sincréticas constituídas pela fusão de elementos de diversas origens, bem como as atividades ligadas ao benzimento, acontecem nos espaços coletivos e particulares da comunidade, sem haver nenhuma interferência ou impedimento.

Por conseguinte, é possível compreender que a concepção de comunidade para os moradores do Cravo está diretamente relacionada aos aspectos religiosos, mas está, também, vinculada a um forte sentimento comunitário, onde familiares e vizinhos se associam para realizar ações diárias, tais como, o serviço nas lavouras, nas residências e nas áreas comuns, visando beneficiar a todos os habitantes da localidade.

Desse modo, mesmo havendo diferenças religiosas, esses remanescentes de quilombo procuram unir esforços para lutar pela efetiva consecução dos seus direitos, visando conquistar melhores condições de vida e o bem-estar da coletividade. Assim, não se intenta segregar a comunidade com base na crença religiosa de cada indivíduo; ao contrário, busca-se concentrar esforços em ações que despertem a consciência política do grupo e que fomentem a valorização da cultura quilombola.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. São Paulo: Papyrus, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- CASTRO, Edna Maria Ramos de. *Quilombolas de Bujaru: memória da escravidão, territorialidade e titulação de terra*. Belém: UFPA/NAEA/UNAMAZ, 2003.
- CRESWELL, John. *Qualitative Inquiry and Research Design*. London: Sage, 1998.
- DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- FERRETTI, Sérgio Figueiredo. Sincretismo afro-brasileiro e resistência cultural. *Horizontes Antropológicos*, vol. 4, n. 8, Porto Alegre, 1998, p. 182-198.
- GALVÃO, Eduardo. *Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá; Amazonas*. São Paulo: Ed. Nacional, 1955.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora, 1989.
- LEITE, Ilka Boaventura. Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. *Etnográfica*. vol. 4, n. 2, 2000, p. 333-354.

- MACEDO, Catia Oliveira; BENEVIDES, Rafael de Sousa. Camponeses e religiosidade na Amazônia Paraense. *Revista Terceira Margem*, vol. 2, n. 6, Manaus, 2016, p. 41-71.
- MACEDO, Catia Oliveira; BENEVIDES, Rafael de Sousa. Comunidades camponesas no nordeste paraense: o caso de São Judas e Cravo. *Revista Geografia*, vol. 20, n. 2, Londrina, 2011, p. 115-128.
- MALCHER, Maria Albenize Farias. Territorialidade quilombola no Pará: um estudo da comunidade São Judas, município de Bujaru e da comunidade do Cravo, município de Concórdia do Pará. Dissertação (Mestrado em Geografia), UFPA, Belém, 2011.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. *A Ilha Encantada: medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores*. Belém: Edufpa, 1990.
- MAUÉS, Raymundo. Outra Amazônia: os santos e o catolicismo popular. *Norte Ciência*, vol. 2, n. 1, 2011, p. 1-26.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião. *Estudos Avançados*, vol. 19, n. 5, São Paulo, 2005, p. 259-274.
- MESLIN, Michel. *Fundamentos de antropologia religiosa: a experiência humana do divino*. Petrópolis: Editora Vozes.
- MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico do quilombo na África. *Revista USP*, vol. 5, n. 2, São Paulo, 1996, p. 56-63.
- O'DWYER, Eliane Cantarino. Terras de quilombo no Brasil: direitos territoriais em construção. *Ariús*, vol.14, n. 1/2, Campina Grande, 2008, p. 9-16.
- OLIVEIRA, Elda Rizzo de. *O que é Benzeção*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PINHEIRO, Adelson Marcos. A comunidade Nossa Senhora das Graças Vila do Cravo: Reconhecimento quilombola e conflitos políticos nos usos da terra (1991–2016). Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História), UNAMA, Belém, 2016.
- REIS, João. Quilombos e revoltas escravas no Brasil. *Revista USP*, vol. 5, n. 2, São Paulo, 1996, p. 14-39.
- RODRIGUES, Donizete. *O que é Religião? A visão das ciências sociais*. São Paulo: Editora Santuário, 2013.
- RODRIGUES, Donizete; HEINEN, Ingrid. O Devoto e a Santa: o círio de Nossa Senhora das Graças numa comunidade quilombola paraense. *Revista Antropológicas*, vol. 30, n. 2, Recife, 2019, p. 174-202.
- SANCHIS, Pierre. As tramas sincréticas da história. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 10, n. 28, São Paulo, 1995, p. 123-138.
- WEBER, Max. *Sociología de la Religión*. Madrid: ISTMO, 1997.

Recebido em: 10-05-2020
Aprovado em: 02-11-2020